



O PERCURSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM E A APROPRIAÇÃO DE METODOLOGIAS ATIVAS NA RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS

*The journey of teaching and learning process and
active methodology application to solve problems*

Letícia Wiedtheuper de Campos Peukert¹; Mara Graziela Schiefelbein Gomes²;
Taciana Basso Tolazzi³; Walkiria Frighetto Silvestri⁴

Resumo: As metodologias ativas envolvem uma abordagem pedagógica que tem como foco o protagonismo do aprendiz. Todo processo de ensino aprendizagem se dá vislumbrando o interesse, o envolvimento, a reflexão e a descoberta por parte do próprio aluno. Essas metodologias se diferem do ensino tradicional onde o professor tem papel de destaque como aquele que detém o conhecimento. Este artigo tem como objetivo elucidar características das metodologias ativas, salientando suas particularidades e apontando alguns dos desafios que permeiam o contexto escolar e seus sujeitos envolvidos.

Palavras-chave: Metodologias Ativas. Aprendizagem. Aluno. Protagonismo.

Abstract: Active methodologies embrace a pedagogical approach that focuses on the protagonism of the student. All teaching-learning process is about getting the interest, involvement, reflection and discovery of the student himself. These methodologies differ from traditional teaching in which the teacher has a leading role as the one who holds the knowledge. This article aims to elucidate characteristics of the active methodologies, highlighting their particularities and pointing out some challenges that drive the school context and community.

Keywords: Active Methodologies. Learning. Student. Protagonism.

¹ Pedagoga pela UERGS, consultora de gestão de pessoas e educação. Ibirubá, Brasil. E-mail: leticia.w.c@ibest.com.br

² Pedagoga, Assessora Pedagógica, Especialista em Neuroaprendizagem e em Ensino, linguagens e suas tecnologias, mestranda em educação UNEATLANTICO – Universidad Europea Del Atlantico. Ibirubá. Brasil E-mail: maragsgomes@gmail.com

³ Pedagoga, Especialista em Supervisão Escolar, Mestre em educação nas Ciências. Assessora Pedagógica da Logos Consultoria. Ibirubá. Brasil. E-mail: tacib.tolazzi@gmail.com

⁴ Professora, coordenadora pedagógica, especialista em Informática aplicada à educação, Gestão Escolar, Sociologia no Ensino Médio e Assessora pedagógica da Logos Consultoria. Colorado, Brasil. E-mail: wfrighettilvestri@gmail.com



1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A evolução tecnológica provocou uma série de mudanças, sobretudo no contexto educacional, que sente a necessidade de romper com os velhos paradigmas e apropriar-se de novos padrões que o tornem mais atrativo frente aos atuais desafios oferecidos à sociedade com o uso das tecnologias digitais.

Bauman (2001) já falava em modernidade líquida referindo-se à volatilidade dos novos tempos. A fluidez das informações e a instabilidade com que vivemos, amamos, nos relacionamos, marcam a sociedade atual.

As pessoas têm acesso, num piscar de olhos, àquilo que é de seu interesse pesquisar, saber. Em época de rápido avanço tecnológico, pode-se arriscar a dizer que não há nada imutável ou conhecimento inatingível. Também não existe mais um personagem que seja referência de um conhecimento.

Em meio a todas estas mudanças, as crianças são naturalmente estimuladas: pesquisam, processam informações, são mais criativas e independentes. As conhecidas Gerações Z (os nascidos no final da década de 1990 a 2010) e Alpha (os nascidos a partir de 2010), classificação sociológica para as novas gerações, são considerados os primeiros agrupamentos que nasceram na era digital, móvel, conectados, os “nativos digitais”. Por outro lado, relacionam-se menos com as pessoas, têm mais dificuldades de compreender e lidar com as emoções. Como os educadores estão percebendo essas mudanças na sociedade? Como a escola está se preparando para atender a esta geração digital?

Nessa perspectiva, alunos e professores nasceram em gerações distintas e com características bem diferentes. Os estudantes não são mais os mesmos que frequentavam as escolas tradicionais, vive-se com uma geração de alunos que Marc Prensky define como nativos digitais.

Os alunos de hoje – do maternal à faculdade – representam as primeiras gerações que cresceram com esta nova tecnologia. Eles passaram a vida inteira cercados e usando computadores, vídeo-games, tocadores de música digitais, câmeras de vídeo, telefones celulares, e todos os outros brinquedos e ferramentas da era digital. (SOUZA, 2001, p.1)

Porém, os professores que trabalham com esses alunos nasceram, em sua maioria, em outra geração, e não estão sendo preparados para estas mudanças. Essa diferença de gerações reflete seriamente em sala de aula.



É muito sério, porque o único e maior problema que a educação enfrenta hoje é que os nossos instrutores Imigrantes Digitais, que usam uma linguagem ultrapassada (da era pré-digital), estão lutando para ensinar uma população que fala uma linguagem totalmente nova. (SOUZA, 2001, p.2)

Superar os desafios postos e arraigados ao modelo tradicional de ensino significa instaurar um processo de mudança e evolução. Ao se trabalhar de forma mais contundente a prática, as experiências e as pesquisas, o envolvimento dos alunos tende a ser mais efetivo e contextualizado. Contudo, trazer o aluno para o centro do processo de ensino e aprendizagem requer muita habilidade e conhecimento do professor. As estratégias adotadas para que a educação seja mais instigante, trazendo o aluno como protagonista, são conhecidas como metodologias ativas.

As metodologias ativas constituem alternativas pedagógicas que colocam o foco na processo de ensino e de aprendizagem no aprendiz, envolvendo-o na aprendizagem por descoberta, investigação ou resolução de problemas. Essas metodologias contrastam com a abordagem pedagógica do ensino tradicional centrado no professor, que é quem transmite a informação aos alunos. (BACICH e MORAN, 2018, p.27)

Talvez o papel do professor, sua postura, seu interesse e empenho em ofertar um ensino mais adequado ao contexto do aluno, seja o maior desafio a ser superado na busca de um formato de ensino mais significativo. Onde o aprender fazendo reinventa o papel do aluno ouvinte e os conteúdos estudados aproximam a escola da sociedade.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com o intuito de contribuir com a formação pedagógica dos educadores e chamar a atenção para a importância das metodologias utilizadas em sala de aula, surgiu a necessidade deste estudo.

Para o seu desenvolvimento utilizou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica respaldada em autores contemporâneos, além de consultas a mídias digitais, e-books, vídeos, e consulta a materiais disponibilizados por grupos de estudiosos da área.

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).



Desta forma, construiu-se o referido artigo que objetiva informar e instigar educadores a respeito do tema, possibilitando a adoção de metodologias mais ativas no processo de ensino e de aprendizagem.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Vivenciamos um contexto escolar que enfrenta dificuldades diversas para possibilitar a autonomia e o protagonismo dos alunos, bem como para motivá-los para a aprendizagem. O aluno como protagonista do processo de ensino aprendizagem, eis um propósito simples, claro, porém difícil de ser efetivado na sala de aula.

A grande variedade de instrumentos, tecnologias, a facilidade de se conectar, as diferentes culturas, os problemas sociais, familiares, a desestrutura da escola, a falta de formação continuada de professores, o conflito de gerações, enfim inúmeros são os entraves e percalços aos quais o sistema de ensino tradicional está exposto de maneira tão frágil e despreparada.

Resumindo o modelo tradicional de educação, Paulo Freire (1997, p.65) conclui que:

Segundo essa visão da educação, a aprendizagem se dá de forma mecânica e passiva. O aluno memoriza e repete as verdades absolutas e universais repassadas pelo grande detentor indiscutível da verdade: o professor. Consequentemente a relação professor X aluno é altamente autoritária, visando manter a ordem e a disciplina rigidamente, não há de forma alguma diálogo e troca de ideias. (FREIRE, 1997, p. 65)

Esta metodologia tradicional fazia sentido em um momento onde o acesso a informação era limitado, mas esse modelo educacional tornou-se incapaz de se adequar às constantes mudanças ocorridas na sociedade nos últimos anos. A escola não pode ignorar o que se passa no mundo. Surge assim, a necessidade de uma escola com ambiente especialmente criado para a aprendizagem, rico em recursos para que os alunos possam construir seus conhecimentos seguindo suas individualidades, onde o professor abra espaço para que seus alunos falem dos sentidos que estão criando numa relação dialógica.

O aluno precisa ter condições de compreender a realidade que o cerca e o que aprende na escola precisa fazer sentido na vida cotidiana. Furtado (2013, p.62) debruçou-se sobre a teoria de David Ausubel e ressalta a importância de tomar consciência que toda a aprendizagem significativa exige tempo e ela ocorre a partir do “surgimento de um sentido pessoal por parte de quem aprende, o que desencadeia uma atitude proativa que tenta desvelar



o novo e (re) construir conceitos que ampliam cada vez mais a habilidade de aprender”. Por isso, preparar uma aula onde o protagonista seja o aprendiz, exige do professor, agora no papel de mediador, uma estrutura e uma capacidade perceptiva apurada onde sejam identificadas as necessidades e as potencialidades de aprendizagem da sua turma, buscando a reelaboração desse aprender com significado.

José Moran (2015, p.4) afirma que “Teóricos como Dewey (1950), Freire (2009), Rogers (1973), Novack (1999), entre outros, enfatizam, há muito tempo, a importância de superar a educação bancária, tradicional e focar a aprendizagem no aluno, envolvendo-o, motivando-o e dialogando com ele.” (MORAN, 2015, p. 4).

A efetividade da adoção de metodologias mais ativas depende em parte da empatia do professor em identificar o que o seu aluno sabe sobre o assunto em questão, sobre sua maturidade, sobre suas curiosidades e a partir deste ponto propor atividades que façam com que o aluno experimente, busque, se posicione.

Em vários contextos históricos e épocas entender os processos de construção do conhecimento ou a maneira como se desenvolvem a inteligência de uma criança sempre foi o desafio de teóricos como: Dewey, Piaget, Ausubel, Vygotsky, entre outros. (CASTELAR, 2016, p.63)

Resgatar os estudos decorrentes desses autores sugere a variação das formas de exposição de um assunto ou conteúdo, de maneira a estimular e abranger as capacidades cognitivas e de aprendizagem dos mais variados alunos, fornecendo ao professor contemporâneo um princípio sólido para que possa adaptar experiências e fazer com que seus alunos sejam ativos na aquisição de conhecimento.

Ainda, quando se fala em processo de aprendizagem é imprescindível compreender que se trata de algo complexo, a aprendizagem não é linear e também não ocorre da mesma forma para um e para outro aluno. Ao adotar metodologias ativas no processo de ensino, automaticamente há a necessidade de um maior comprometimento das partes envolvidas.

Assim, as metodologias ativas procuram criar situações de aprendizagem nas quais os aprendizes possam fazer coisas, pensar e conceituar o que fazem e construir conhecimentos sobre os conteúdos envolvidos nas atividades que realizam, bem como desenvolver a capacidade crítica, refletir sobre as práticas realizadas, fornecer e receber feedback, aprender a interagir com colegas e professor, além de explorar atitudes e valores pessoais. (BACICH e MORAN, 2018, p.28)

Todo e qualquer assunto relativo ao local, a comunidade do qual o aluno, sua família e a escola fazem parte, pode ser tratado em um processo de ensino aprendizagem sob uma perspectiva científica, atrelando didática e prática cotidiana. Muito se discute e já se consolida



o uso desses espaços não formais, mas que estimulam o pensamento científico, pois aguçam curiosidades e estão voltadas ao interesse do educando. Escolas não podem mais ser ilhas, isoladas, solitárias, necessitam sim olhar para fora e adaptar o conhecimento acadêmico à aplicação na vida real, num exercício constante de hábitos reflexivos.

Contudo, o desafio não se limita ao como adotar metodologias ativas no processo de aprendizagem, sendo um formato dinâmico, que lança mão de distintas ferramentas, exige também que de forma dinâmica e apropriada sejam feitas medições do conhecimento agregado, ou seja, sejam feitas avaliações adequadas.

Avaliar, na estrutura clássica da escola costuma ser um processo desgastante e tenso tanto para educandos como educadores. Na perspectiva de metodologias ativas o objetivo é de que o processo de avaliação seja natural e ocorra de diferentes formas em diferentes momentos, tornando-se uma prática que aponte o que se alcançou após um ponto de partida, servindo de parâmetro para a continuidade do processo. Assim, a avaliação deve ser baseada num sistema de confiança entre as partes, que não visa a punição, mas sim a aprendizagem, que sirva ao processo e não selecione. Deve sim, buscar caminhos para esse aprender com sentido, utilizando o “erro” como ferramenta pedagógica, que deve ser encarada como reorientação na melhoria da prática. Educadores necessitam ressignificar o erro como uma possibilidade, o que conduz a revelações surpreendentes de aspectos significativos que contribuem para a construção de um olhar ao sujeito em potencial e não apenas julgar, medir, em que haja a possibilidade de intervenções, reformulações de hipóteses, partilha de conhecimento.

As escolas que fazem diferença não são aquelas que ficam esperando o mundo mudar para, então, pensarem em fazer algo, mas, sim, aquelas que estão ao mesmo tempo atentas às mutações externas e engajadas na metamorfose daquilo que é possível internamente. (FAVA, 2018, p. 178)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aprendizagem ativa vai além da incorporação do “fazer” algo, esse “fazer” precisa ser planejado, sistematizado, mediado, para que então haja efetivamente a apropriação de um conhecimento. Conhecimento que é construído e evolui a partir do que já se conhecia e também através do olhar crítico, da análise individual e coletiva, ou seja, da interação, da experiência concreta. Para que a aprendizagem seja realmente ativa é preciso predisposição tanto por parte de alunos como de professores, em muitos casos é preciso que haja o



rompimento de barreiras e a quebra de paradigmas, para então propiciar uma condição adequada, de fluidez onde de forma colaborativa sejam instituídas ferramentas apropriadas e envolventes.

É preciso também acreditar que essas alterações nas práticas pedagógicas farão sentido no dia a dia, pois mobilizam as mentes para novos desafios. A aprendizagem que traz o aluno como protagonista, como ser pensante e não simplesmente como um memorizador de conteúdo, exige criatividade respaldada em ações pedagógicas estruturadas que levam em conta o contexto sociocultural do aluno, transformando aulas investigativas em geradoras de conhecimento pertinente.

Enfim, pensar a educação de forma inclusiva, dinâmica, estruturada exige muito entendimento do professor quanto ao seu papel na formação de jovens que representam o futuro de uma sociedade. Esse olhar, essa postura configura-se em uma mudança muito significativa e desafiadora. A sociedade, o mercado de trabalho frente ao acesso à informação e ao aceleração tecnológico que vivemos, clama por uma aproximação mais contundente com aquilo que se ensina e aprende no âmbito escolar. A escola tem um papel indiscutivelmente importante na formação do cidadão, portanto quanto mais conhecimento contextualizado seja desenvolvido neste ambiente, mais assertiva e melhorada serão as condições individuais e coletivas de vida futura. Não se trata de uma imposição, trata-se de uma reflexão propositada que visa sobretudo o bem comum.

REFERÊNCIAS

BACICH, Lilian.; MORAN, José. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahr, 2001.

CASTELLAR, Sonia M. Vanzella. (org). **Metodologias ativas : introdução**. 1. ed.São Paulo: FTD, 2016.

FAVA, Rui. **Trabalho, Educação e Inteligência Artificial: a era do indivíduo versátil**. Porto Alegre: Penso, 2018.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

MORÁN, José. **Mudando a educação com metodologias ativas**. Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens.



Vol. II. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf> Acesso em 20 ago.2019.

SANTOS, Júlio César Furtado dos. **Aprendizagem Significativa: modalidades de aprendizagem e o papel do professor**. Porto Alegre: Mediação, 2013.

SOUZA, Roberta de Moraes Jesus de (trad.). PRENSKY, Marc. **Nativos Digitais, Imigrantes Digitais**. 2001 Disponível em: <http://www.colegiongeracao.com.br/novageracao/2_intencoes/nativos.pdf>. Acesso em 28 ago. 2019.

UNIVERSIDADE DE CRUZ ALTA - UNICRUZ. **Manual de Normalização de Trabalhos Acadêmicos da Universidade de Cruz Alta**. Cruz Alta: Unicruz, 2018. Disponível em: <<https://home.unicruz.edu.br/comissao-editorial/#manual-editorial>>. Acesso em: 04 jul. 2019.